

No fim da tarde, veio uma ligação surpresa do cabo Paillama pedindo que John voltasse rápido à cadeia para assinar papéis da liberdade condicional, que tinha sido concedida, também para Felipe 4 e Maximiliano. Guillermo 3, Tito 3, Máximo 1, Óscar 3 (barbeiro), David 2 (boliviano) e Roberto 8 assinaram antes ou depois. Quintín 1 e Carlos 4 (boliviano, Pato) souberam que estavam aprovados, mas não podiam sair por um mês, já que precisavam cumprir antes dois terços do tempo mínimo da pena. Onze detentos receberam liberdade condicional, e muitos outros pela Região. A liberação se adiantou uma semana, provavelmente por pressões para reduzir a superlotação. A cadeia de Casablanca estava acima do máximo, com 126 internos. John teria que estar em Valparaíso no dia seguinte às 9h para assinar e receber instruções de controle futuro, ou perderia a condicional. Pamela e Jana planejavam ir com ele. Tanto Troncoso quanto Leal estavam ansiosos com o que sairia sobre eles em *Bearing the Cross* e perguntaram a John. John apertou a mão deles e deu a Troncoso palavras de consolo. Valentín foi comer em casa enquanto os outros esperavam o cabo Romero chegar depois das 20:15 para pegar as assinaturas dos três novos beneficiados da diária. John cumprimentou Romero e Zurita. O pastor batista não pôde pegar seu livro, pijama, jaqueta de inverno verde escuro nem outros pertences, mas o mentiroso mozo Patricio 6 disse que daria tudo a Freddy 4, Elvis 1, Quintín 1 ou Octavio 1. John só pediu que lhe trouxessem o livro Iberia. Zurita concordou, mas não chegou logo. Após vinte minutos, John pediu ao cabo Troncoso para guardar o livro para Valentín ao invés de deixar Pamela e Jana esperando no frio. Provavelmente perderia o livro, o pijama caro enviado por Bob, a jaqueta verde escura e a roupa de cama, mas o que importava? Ele estava finalmente livre. Gendarmes como sargento Zurita eram apenas escória, quase iguais aos criminosos que vigiavam. Isso não mudaria, e homens como ele ainda tirariam uma última “casquinha” de John roubando seus pertences ou dando-os a um marginal como Simón 1. O cabo Romero disse que alguém entraria em contato com John sobre a contagem final do tempo por bom comportamento, o que não era verdade. Enquanto isso, os três voltaram à casa de Valentín para usar o banheiro, e o copastor de John encerrou em oração, agradecendo a Deus por sua bondade. Advogados não tiveram nada a ver com a liberdade de John. O conselho da condicional votou 4 a 1 a favor de libertá-lo; o juiz José Antonio Cifuentes Gil, do juizado de Viña, votou contra, dizendo que John era um “psicopata” de risco médio, com pouco tempo de saída dominical e, portanto, arriscado solto. Votaram a favor as juízas Nancy Aurora Bluck Bahamondes (Tribunal de Apelação de Valparaíso), Eliana Uribe Molina (juizado de Viña), Fernando Vergara Racapé (juizado de Valparaíso) e Claudio Espinoza Asenjo (juizado de Viña). Citaram o parecer favorável da Gendarmería, especialmente a avaliação da psicóloga Lina Salinas, o baixo risco de reincidência e o fato de ele já ter saídas dominicais. Agora John podia voltar para casa com Pamela e Jana e dormir na própria cama para sempre. Tomaria banho normal, usaria banheiro comum, poderia voltar a usar computador, celular e guardar a comida na geladeira. Ao chegarem, a jovem jornalista presbiteriana Sol Larrahona, do Ágora (amiga do ancião Claudio Navea na Nova Zelândia, também aliado de John), publicou a boa notícia e pediu que John participasse ao vivo por cinco minutos para celebrar. Amigos e o filho David também lhe mandaram parabéns. Ninguém ali fazia ideia de que, após cinco anos e cinco meses, 9 de abril de 2025 seria a última manhã de John Cobin na cadeia. Finalmente acabara seu tempo no inferno em vida.